

REVOLTAS E SOCIABILIDADES EM CAMPOS DE EXTERMÍNIO

Tatiana Poggi

(Mestranda em História pela UFF)

Resumo: Este artigo procura apresentar a partir do trabalho com fontes secundárias uma breve análise dos campos de extermínio durante a Segunda Guerra Mundial, deixando explícito que, ao contrário do que tantos imaginam, o ‘mundo do campo’ é também um espaço de vida. As diversas formas de resistência, especialmente as grandes revoltas armadas, serão aqui trabalhadas como resultantes do desenvolvimento de um emaranhado de relações sociais existentes no mais inóspito dos ambientes.

Palavras-chave: Fascismo, campos de extermínio, revoltas

Abstract: This article, based on previous writings, aims to present a short analysis of the extermination camps during the Second World War, making explicit that the ‘world of the camps’ is also a space that embraces life rather than death only. The various forms of resistance, especially the great armed revolts, are going to be treated here as resulting from the development of entwined social relations existed in the most hostile of environments.

Keywords: Fascism, extermination camps, revolts

INTRODUÇÃO

O presente artigo segue-se, baseado em cuidadosa pesquisa, apresentada por esta autora na forma de trabalho de conclusão de curso de graduação, pela Universidade Federal Fluminense, em 2004, propondo-se a discutir, brevemente, a partir de fontes secundárias, a temática dos campos de extermínio, suas vítimas e seus algozes, na tentativa de ampliar um dos debates mais polêmicos e delicados da atualidade. Enfoca-se, particularmente, as resistências dentro dos campos de extermínio, perpassando, inevitavelmente, por aquelas ocorridas fora desses mesmos campos. Serão analisados os tipos de insurreição, o caráter dos insurgentes, seus objetivos e ambições.

Em razão do espaço limitado que aqui nos cabe, optamos por não incluir o debate historiográfico sobre o tema, apresentado outrora no TCC. Por tratar-se de um ponto notadamente pouco difundido no meio acadêmico e na sociedade em geral, tentar-se-á, por agora, iluminar algumas questões por meio de um estudo de caso, o do campo de *Treblinka*,

densamente trabalhado no livro homônimo de Jean-François Steiner. Através de depoimentos dos sobreviventes da revolta e de pesquisas em arquivos (desenvolvidas pelo próprio autor com respeito às temáticas do nazismo e Segunda Guerra Mundial), Steiner reúne material de extrema relevância, em cima do qual se debruça para escrever **Treblinka**. A reunião do dito material, entretanto, foi um tanto difícil, dado a dois fatores em particular. Primeiramente, à parca bibliografia a respeito – segundo o autor, teriam sido publicadas apenas três obras sobre esse tema: **Nos campos de Treblinka**, de Rachel Auerbach; o depoimento **Um ano em Treblinka**, de Yankel Wiernik, publicado na Polônia, antes mesmo do fim da guerra; e **O inferno de Treblinka**, feito a partir de entrevistas, por um correspondente de guerra do exército soviético. E, finalmente, nas palavras do autor, ao fato de que “algum tempo após a revolta, o campo de *Treblinka* foi arrasado e seu solo removido. Todos os documentos foram destruídos” (STEINER, 1975, p. 414).

Publicado em 1966, o livro de Steiner pretende ser uma reconstrução da história de *Treblinka*, estando quase que, exclusivamente, apoiado sobre o testemunho dos sobreviventes da revolta. Tais depoimentos foram conseguidos por meio de entrevistas feitas pelo próprio Steiner, assim como pela consulta aos depoimentos já colhidos pela comissão de inquérito, polonesa, em 1945 e pelo Instituto *Yad Washem em Tel Aviv*. Apesar do rico material, Simone de Beauvoir nos alerta, já no prefácio que “o autor não pretendeu fazer um trabalho de historiador, [esforçando-se] por reconstituir os diálogos dos quais não conhecia evidentemente os termos e sim apenas o conteúdo” (BEAUVOIR apud STEINER, 1975,p.13). O rigor acadêmico realmente não se faz muito presente; o autor comenta sobre suas fontes ao final do epílogo mas, ao longo do livro, falha, no tocante a ser mais específico nas referências. Além disso, o mesmo nos adverte, logo no início, que, com o intuito de preservar as testemunhas os nomes destas são propositalmente modificados. Ainda assim, acredita-se que a obra possibilitar-nos-á um exame detalhado do dito “mundo dos campos”, o cotidiano dos prisioneiros e a meticulosa revolta desencadeada pelos mesmos, culminando com o fechamento de *Treblinka*.

Abordaremos, ainda, sobre as revoltas de *Sobibor* e *Auschwitz*, trabalhadas em menor intensidade, visto a maior escassez de material.

Durante o desenvolvimento do artigo, procuraremos deixar explícito que, ao contrário do que tantos imaginam, o “mundo do campo” é também um espaço de vida. As resistências são apenas a “ponta do *iceberg*” de um emaranhado de relações sociais existentes, inclusive nos ambientes mais inóspitos. O próprio sistema dos campos iniciou processos de hierarquização ao diferenciar os prisioneiros primeiramente pela origem e, posteriormente, por função assumida. Trabalhos desenvolvidos e postos assumidos poderiam destacar e até salvar certos prisioneiros. Além disso, podemos ressaltar uma série de práticas políticas, culturais e econômicas entre os prisioneiros, o que caracteriza, perfeitamente, o campo, como espaço de relações sociais, ou seja, socialmente produzido e vivido. A perpetuação de tais relações é reveladora da permanência da vida social e da qualidade humana conservada pelos prisioneiros. Dessa forma, a escolha do trabalho sobre campos de concentração, mais especificamente os de extermínio, foi intencional, na tentativa de demonstrar que o homem ultrapassa os limites do imaginável quando se trata de preservar sua condição de ser social. Campos de extermínio são uma criação objetivada para trazer a morte em seus diversos sentidos, mas que invariavelmente abrigam também a vida. Na estação, uma flor.¹

O MUNDO DOS CAMPOS

Criador e criatura

Os campos de concentração e extermínio, comumente conhecidos como KZ (*Konzentrationslager*), fazem parte de um sistema concentratório, planejado e edificado pelos nazistas quando da efetivação de suas políticas contra os inimigos do *Reich*. Tais políticas podem ser rapidamente expostas, seguindo três diretrizes básicas.

Primeiramente, adotou-se uma política de contenção e exclusão, que vai de 1933 a 1939. Esta primeira estratégia tinha como objetivo salvaguardar a Alemanha e o próprio alemão de elementos ou comportamentos desaprovados pelo sistema. Algumas medidas legais foram tomadas para que tal objetivo pudesse ser alcançado. Entre elas, podemos citar

¹ Analogia ao livro de Robert Slenes, **Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava**. RJ: Nova Fronteira, 1999.

a aprovação da lei **Para a proteção de povo**, de 4 de fevereiro de 1933 e do decreto **Para a proteção do povo e do Estado**, de 28 de fevereiro do mesmo ano, ambos baseadss no artigo 48 da Constituição de *Weimar*, correspondente à possibilidade de suspensão da Constituição em caso de Estado de exceção (RUBY, 1998, p.17). Tais documentos estabelecem, portanto, “um estado de exceção legal, que suprime os direitos do homem, a liberdade de imprensa, de expressão, de reunião, de associação, permitindo buscas e requisições, assim como uma censura generalizada” (RUBY, 1998, p.17). O artigo 4 do decreto de 28 de Fevereiro de 1933 já prevê a aprovação de trabalhos forçados, como punição para infrações perigosas à ordem pública. Em 14 de outubro de 1933, é autorizada a detenção preventiva como medida de segurança (RUBY, 1998, p.17-18). Pessoas eram presas, sem julgamento ou aviso prévio, sendo isoladas da sociedade e perdendo seus direitos enquanto cidadãos. “Entre 15 e 20 mil bávaros foram internados apenas em 1933 - em sua maior parte trabalhadores socialistas e comunistas - e o perigo de serem enviados para Dachau aumentou, depois da declaração de Goebbels de ‘guerra total’, em 1943” (MARRUS, 2003, p.176). Os prisioneiros eram alocados por grupos étnicos ou por ‘delito’ cometido. A Gestapo, com direito em mãos e a preciosa ajuda da delação fizera diversas batidas, enchendo os KZs. A lógica era a da prevenção, isolar o problema o quanto antes para que este não se alastrasse, causando um mal maior. Alguns ainda seguiam a prerrogativa da reeducação de seus internos como, por exemplo, no caso da Testemunhas de Jeová, que estariam livres pela simples assinatura de documento renegando sua fé.²

A finalidade dos campos de concentração é exatamente concentrar, não matar incessantemente, ou exterminar. É preciso que se tenha clara, a idéia de que, apesar das inúmeras mortes que lá ocorriam, devido a maus tratos, insalubridade e doença, o propósito desses campos não era o extermínio ou a aniquilação dos grupos sociais e políticos que ali se encontravam (RUBY, 1998).

Os primeiros campos foram abertos logo no início de 1933, *Dachau* e *Oranienbug*, em Março, *Buchenwald* e *Sachsenhausen*, em junho e agosto de 1936, respectivamente, *Ravensbrüic*, em julho de 1937, *Flossenbürg* e *Mauthausen*, em maio e setembro de 1938, respectivamente (RUBY, 1998, p.19). Seus primeiros prisioneiros foram

² Informação a partir do documento: “Declaração de Renúncia das Crenças” reproduzido e traduzido pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados com a permissão do *United States Holocaust Memorial Museum*.

comunistas, sociais-democratas, sindicalistas e intelectuais, já com a promulgação do decreto de 28 de fevereiro de 1933. A partir de 1934, juntaram-se a eles as Testemunhas de Jeová, por recusarem-se a cumprir o serviço militar e não terem Hitler como autoridade suprema, os homossexuais, por conduta anti-natural e deficientes físicos e mentais por degeneração da ‘raça ariana’ (RUBY, 1998, p.20).

Com os judeus, as coisas não foram, de início, tão diretas. Aos poucos, pelas bordas, os judeus foram, paulatinamente, perdendo seu espaço na sociedade. Medidas discriminatórias e segregacionistas foram implementadas em diversos campos durante o período que vai 1933 a 1939. Proibiram-se os casamentos mistos entre judeus e ‘arianos’; no plano profissional, estavam impedidos de atuar no serviço público, na imprensa, medicina, nos tribunais, no exército, na indústria, no comércio etc. Em 1938, são obrigados a declarar seus bens que seriam, primeiramente, congelados e depois liquidados (GOLDHAGEN, 2002; MARRUS; 2003; RUBY, 1998). Este é o momento dos primeiros ataques verbais e físicos, por parte não somente dos homens da Gestapo, mas também por cidadãos comuns, vizinhos e amigos. Fôra encorajada a emigração, na tentativa de “se livrar” da praga judaica sem sangue. É um momento bastante turbulento, psicologicamente, para as vítimas que, simplesmente não entendiam como, aquelas pessoas, com quem ontem conversavam, trabalhavam e conviviam poderiam tratá-las de tal forma.³ Os anos 30 caracterizam-se por medidas isolacionistas, socialmente mais cruéis, que pela violência física propriamente dita. Os judeus estavam, portanto, socialmente mortos, uma vez que excluídos política, econômica e culturalmente da sociedade.

A eclosão da guerra, em setembro de 1939, inaugura um novo caráter do KZs, cuja finalidade não mais se restringia a instrumento de exclusão, mas agora se transformara, também, em instrumento de extermínio. Os interesses são outros e, com as anexações, a questão judaica tornava-se um problema de Estado maior. A emigração forçada não mais daria conta dos potencialmente milhões de judeus incorporados, quando da ocupação da Polônia e os milhares de ciganos oriundos da Romênia. E, quanto mais a Leste penetrava o *Reich*, mais comunistas surgiam em seu caminho. O *lebensraum*⁴ trazia frutos indesejáveis e era preciso uma nova política para lidar com eles.

³ Conclusão a partir de depoimentos encontrados no conjunto bibliográfico citado.

⁴ Pode ser traduzido do alemão como ‘espaço vital’.

A solução encontrada fora a criação de centros de extermínio para destruir todos aqueles indignos da vida. A nova política de extermínio criou, assim, os centros de eutanásia, os campos de extermínio e um grupo peculiar de unidades exterminadoras chamadas *Einsatzgruppen*⁵. Os campos de extermínio localizavam-se todos na Polônia, sendo os prisioneiros submetidos à deportação forçada de seus KZs e guetos para os centros de extermínio. São eles: *Auschwitz*, inaugurado em setembro de 1941, *Chelmnom*, em dezembro de 1941, *Belzec*, em março de 1942, *Sobibor*, em maio de 1942 e Treblinka, em julho de 1942 (RUBY, 1998).

As primeiras vítimas foram os deficientes físicos e mentais, com a aprovação do projeto T4⁶ em 1939. Eutanásia e experiências científicas eliminaram alcoólatras, epiléticos, psicopatas, inválidos, deficientes físicos e mentais, tidos como inaptos para o trabalho e absorvedores de recursos vitais para um país em guerra. Em outubro, iniciou-se a operação de eliminação e transformação dos internados em hospitais, asilos e KZs. Os doentes eram submetidos a um processo de seleção sendo, então, transferidos para um dos seis institutos de eutanásia e executados com monóxido de carbono. Rumores, denúncias e protestos, por parte da sociedade civil e entidades religiosas – entenda-se alto clero – fizeram com que o programa fosse oficialmente suspenso em agosto de 1941 (GOLDHAGEN, 2002; MARRUS, 2003). Entretanto, este continua de maneira mais discreta, até 1945, recebendo comboios dos KZ, com os ditos inaptos para o trabalho (RUBY, 1998).

Os campos de extermínio propriamente ditos receberam principalmente judeus e ciganos, mas vemos, embora em menor número, homossexuais e presos políticos. Alguns campos dedicavam-se apenas a um grupo, mais propriamente os judeus, pois eram de longe o grupo mais numeroso. Outros, como *Auschwitz*, abrigavam mais de um grupo, separados obviamente, nos diferentes setores do campo.

Os ciganos do Reich foram majoritariamente enviados para *Auschwitz*, em 1939, cerca de 30.000. A decisão para seu extermínio veio em 1942, fazendo perecer $\frac{3}{4}$ dos ciganos alemães. As proporções foram ainda maiores, na Polônia e na URSS, chegando à

⁵ Essas unidades eram encarregadas de promover o massacre sistemático aos comunistas e judeus. Foram divididas em 4 grupos-A, B, C, D- agindo sobre as regiões da URSS e países bálticos, Bielorrússia, Ucrânia e ao longo do Mar Negro respectivamente.

⁶ Operação que visava a eliminação dos internados em hospitais e asilos. O código T4 refere-se ao endereço da central em Berlin, mais especificamente na rua Tiergartenstrasse n. 4.

totalidade na Hungria e Croácia. Em 1944, os remanescentes, detidos no gueto de *Lodz*, foram enviados a *Chelmno* para a morte por gás (RUBY, 1998, p.27-28).

Os judeus foram, a partir de 1940, concentrados em guetos, verdadeiras cidades muradas do terror. *Lodz* é o primeiro deles, seguido dos da Cracóvia, Lublin, *Czestochowa*, *Kielce*, *Lvov*, Varsóvia e *Theresiensadt*. A famosa Conferência de *Wansee*, em Janeiro 1942, mudou os rumos da “questão judaica”, planejando, metodicamente, o extermínio desse grupo (RUBY, 1998, p.33). Esta reunião teve como pauta extraordinária o “problema judeu”, incessantemente discutido por generais da mais alta patente da SS e ministros do governo” (MARRUS, 2003). Os argumentos expostos foram os já supracitados, conseqüentes da expansão territorial. O aumento do *Reich* incorporara milhões de judeus, os guetos estavam lotados, não podendo comportar mais internos, nem a economia exaurida alemã teria como sustentá-los. A emigração não mais surtia efeito, os países fechavam suas fronteiras abarrotados de refugiados. Dada a questão, que fazer? Surgiram, durante a reunião, diversas propostas, como a esterilização e o trabalho compulsório, visando um *uplift* da economia. Entretanto, a proposta de Heydrich pela “evacuação” fora a vencedora. O conceito do termo fôra um tanto questionado, mas ao fim chegou-se à conclusão (não ao consenso) de que a morte era mesmo a melhor maneira de esterilização, definitiva e sem erro⁷. Aprovou-se, então, o extermínio em massa, por gás, sendo a técnica aperfeiçoada dos caminhões para as câmaras, dado seu maior poder de eliminação. Deveria, entretanto,

ser discreta para não despertar inquietação entre as vítimas e curiosidade entre as testemunhas, e eficaz para estar a altura dos projetos grandiosos dos promotores da operação ‘solução final’; devia ainda reduzir a manutenção ao mínimo e, finalmente, proporcionar às vítimas uma morte suave. (STEINER, 1975, p.70)

⁷ Alguns autores têm esse momento como o da aprovação da solução final, outros tratam como uma ordem direta de Hitler. O fato é que não se tem nenhum documento assinado pelo Führer ordenando medida desse tipo. Por tamanha controvérsia e falta de conhecimento mais profundo sobre o conceito não usarei aqui o termo solução final.



Fonte: United States Holocaust Museum

Nasciam os campos de extermínio. Teoricamente, estava dada sua finalidade: execuções em massa. Contudo, as constantes derrotas a partir de 1942 tornaram esse ideal um tanto distante, obrigando os alemães a fazerem uso de seus prisioneiros como mão-de-obra. Tal medida valia tanto para os campos de concentração quanto para os de extermínio. O imperativo passava a ser, então, o aumento da produção do material militar. A exploração da mão-de-obra deveria ser aplicada até o limite do possível, a fim de que o trabalho pudesse atingir maior rendimento (RUBY, 1998, p.36-67). Goebbels reafirma: “A aniquilação pelo trabalho é a melhor e a mais produtiva” (GOEBBELS apud RUBY, 1998, p.37). Algumas fábricas apostaram nesta iniciativa, investindo grandes somas de dinheiro. Só a *IG Farben* injetou em *Auschwitz* 250 milhões de dólares (RUBY, 1998, p.38). Ainda assim, a diretriz eliminacionista não cessou por completo, existindo concomitantemente produção e extermínio.

O fato é que, a economia alemã já não se agüentava mais, estava exaurida, mesmo extraindo os recursos possíveis dos territórios anexados. O ideal de supremacia racial e higienização ariana eram profundamente antieconômicos, eliminando, não apenas mão-de-obra quantitativa, mas especialmente qualificada. Quando os alemães se deram conta disso, já era tarde demais.

Representações e sociabilidades

Os campos de concentração e extermínio, mais do que instituições de encarceramento, punição e terror, representavam, cada um microssomicamente, a concretização de um novo mundo/sociedade. O sistema de campos abriu caminho para o surgimento de uma nova realidade, inteiramente diferente daquela Alemanha 'de fora', pautada em novos conceitos e regida dentro de novos parâmetros. Os significados de moral, lei, honra e força se alteraram numa transmutação total de valores. Foram criados novos papéis sociais e hierarquias, assim como as clássicas caracterizações de herói e carrasco se modificaram, podendo, inclusive, estar contidas num mesmo indivíduo, conforme a situação (TODOROV, 1995).

Assim, o herói não é simplesmente aquele dotado das descritas virtudes heróicas, mas principalmente aquele capaz das virtudes cotidianas. Esses dois conceitos, elaborados por Todorov, vêm no sentido de ampliar o conceito tradicional de herói, desdobrando-o em duas categorias distintas. O herói heróico, dotado das virtudes heróicas, é o típico protótipo do elemento mártir, sempre forte, corajoso e perfeito. Sacrifica-se em nome de um ideal, geralmente abstrato – como liberdade – e, mesmo que não deixe explícito, é um tanto vaidoso, buscando o reconhecimento do grupo por seus atos. Seus objetivos, quase sempre, coincidem com o ideal, sendo, por sua vez, igualmente abstratos. Não dá muito valor à própria vida, não se importando de morrer com honra em nome de um bem maior para o grupo (TODOROV, 1995).

O herói cotidiano, quase um anti-herói, é um elemento comum, não vive obcecado por ideais abstratos ou universais, ao contrário, é movido por atos de vontade, buscando atingir um objetivo concreto, bastante real e imediato. Este herói teme por sua vida, quer viver com honra, não morrer por ela. Por isso mesmo, dedica-se a pequenos atos, sem afrontas violentas ou que possam por em risco sua vida. Muitas vezes, pequenos gestos como enxugar uma lágrima, dividir sua sopa, negar-se a executar uma ordem ou simplesmente olhar o colega nos olhos já eram, para o universo do campo, atos de heroísmo. O cuidado com o próximo, ter alguém a quem se dedicar fora uma das virtudes cotidianas mais populares entre os prisioneiros (TODOROV, 1995). Muito comuns, entre familiares, essas atitudes eram facilmente estendidas a um amigo, quando os primeiros se iam, formando, instantaneamente, vários pequenos grupos. A responsabilidade com o outro

dava objetivo à vida daquele que protegia e segurança ao protegido. É um vínculo de vida pela vida. A virtude cotidiana é assim simples, quase imperceptível ao grupo como um todo se comparada à heróica, mas de extrema relevância para um ou outro membro.

E foi exatamente esse herói ou esses milhões de heróis, em potencial, que fizeram dos campos de extermínio um lugar vivível. Vivível no sentido de repleto de vida, uma vida que nem sempre é percebida pelo senso comum e mesmo por alguns sobreviventes. Estes, muitas vezes alegavam ser o campo um lugar unicamente de morte, destituído de moral, onde os homens já não eram mais homens, e sim meros corpos andantes em direção ao abatedouro. Em seus testemunhos, visavam, a todo custo, comunicar a estranheza do campo, sua desumanidade, esquecendo, muitas vezes, da única coisa que os mantiveram vivos, naquela realidade, por tanto tempo: os insípidos laços de sociabilidade e companheirismo que lá se formaram pouco a pouco. Sem ajuda, a sobrevivência era impossível, admitem tantos sobreviventes. (ANTELME, BOROWSKI, CHALAMOV, LAKS e COUDY, LINGENS-REINER, TILLION apud TODOROV, 1995). Essa atitude, tida nos pequenos gestos cotidianos, foi vital para a sobrevivência dos que permaneciam nos barracões, ao fim do dia, pois era um alento à recuperação do sentido de humanidade, do que os diferenciava dos animais. Era, em si, uma luta revolucionária no sentido em que agiam contra um dos objetivos principais do campo de extermínio. Este se dedicava, não simplesmente a matar, mas a matar animais, ou pior, seres sem vida. A mais rara tentativa de se manter humano já era sublevar-se.

As relações sociais que se desenvolveram nos campos eram bastante peculiares, passando por uma reinterpretação radical dos códigos de moral e comportamento, mas nem por isso deixaram de existir. Esses novos códigos foram construídos, socialmente, pelos prisioneiros que, com o tempo, imprimiram significados que acharam mais apropriados às ações e aos homens.

Mudam-se as regras, o sentido de justiça, mas esses não deixam de existir, apenas adquirem nova roupagem. Desde já, delatores eram detestados; matar poderia ser um ato moral se a vítima fosse um alemão ou um *Kappo*⁸; falso testemunho poderia ser um

⁸ Designação dos guardas ucranianos ou poloneses encarregados da segurança dos campos e do trato direto com os prisioneiros. Os *Kappos* eram também prisioneiros, encarregados, porém, de inspecionar o trabalho e as ações dos prisioneiros regulares. Poderiam também ser judeus. A diferença é o sadismo implícito, ser o carrasco de seu próprio grupo.

ato virtuoso se ajudasse a um pária; retardar a execução de uma tarefa nem sempre era sinal de desleixo. A dignidade estava em se manter humano, ajudar um companheiro que perdera a esperança, contar-lhe uma história. A dignidade estava em manter-se limpo (na medida do possível), com o uniforme alinhado e, por que não, o cabelo penteado. Tudo isso eram escolhas que determinavam, em última instância, que tipo de companheiro se era. Frankl relata: “Pode-se tirar tudo de um Homem em um campo de concentração, exceto uma coisa: a última liberdade de escolher esta ou aquela atitude, diante das condições impostas” (FRANKL apud TODOROV, 1995, p.72). Surgiam, assim os novos atores sociais, dotados de julgamento e sendo julgados, dotados de honra, de vontade e de escolha.

É preciso lembrar, contudo, que nem todos os internos conseguiram refazer seus laços com a condição humana. Muitos deles permaneceram num estado de constante perplexidade, sem conseguir acreditar no que estava acontecendo. O detento perplexo não se insere no “mundo do campo”, continuando com a mentalidade de outrora e não compreendendo, assim, a nova lógica própria dos campos de extermínio. Sem consciência de seu lugar, de sua função e de seu poder neste novo ambiente. Quem não compreende, não reage. Assim se explica a inação presente em tantos relatos, pela incompreensão e pela falta de consciência.

Resultados positivos só eram alcançados quando os prisioneiros tomavam consciência de seu destino real, se desprendendo do mundo ‘lá fora’ e se compreendendo como integrantes de um novo mundo, o mundo do campo. Nesse momento, reencontravam um novo significado para a vida, um objetivo de vida que fosse sobreviver no campo e não fora dele. Os prisioneiros primeiro precisavam renascer, no sentido em que na construção do território-campo⁹ reencontravam a condição humana. Só então, sujeitos de sua história, poderiam começar a lutar contra o domínio *nazi*.

O poder de transformação, embutido na idéia de remoto poder de escolha e no sentido de coletividade encheu de esperança diversos grupos de prisioneiros, inspirando resistências e reações de grande porte em pelo menos três dos campos de extermínio. Foram eles: *Auschwitz*, *Sobibor* e *Treblinka*.

⁹ Termo criado aqui com base no conceito de Raffestin, no qual território é o espaço trabalhado, ‘locus’ das relações de poder entre atores sociais sintagmáticos. É um espaço produzido, construído socialmente, saindo portanto da esfera meramente física sendo transformado pelo homem em suas diferentes atividades e relações.

Os atos de resistência são aqui considerados em duas categorias – passiva e ativa – ambas pautadas no pressuposto de inerência de reação a uma imposição de força como exposto no aparato teórico e nos sentimentos de poder de escolha, dignidade e humanidade, apresentados acima.

As resistências passivas são de cunho não violento e agressivo. Não visam acabar com o inimigo, mas reagir a ele de maneira a diminuí-lo, em sua força, ridicularizando-o em seu papel de dominador (TODOROV, 1995). Assim, temos, por exemplo, o suicídio e as greves de fome como formas de escolher quando e como morrer. Uma clara demonstração de autonomia do sujeito sobre si mesmo, nunca tolerada ou admitida pelos alemães. Esses alimentavam os grevistas, à força, no intuito de tirar-lhes o poder de escolha sobre a própria morte. Tal atitude era considerada verdadeira insolência, posto que ignorava o papel dos alemães como ditadores últimos do destino das vidas no campo. Quanto aos suicídios, não havia muito que fazer, pois a maioria se dava à noite dentro dos barracões (TODOROV, 1995).

O humor, por mais inesperado que possa parecer, tinha também seu lugar nos campos de concentração e de extermínio. Pequenos gestos, como um assobio, canções entoadas individualmente ou em grupo e, até mesmo, rápidas tiradas de humor negro irritavam profundamente os *Kappos* e confundiam os alemães. Diziam os prisioneiros: “- Acredita na vida além – vagão?” (STEINER, 1975, p.255) ou “Ora, não se preocupe meu velho, haveremos de nos rever um dia num mundo melhor: na vitrina, sob a forma de sabão”. “Sim, mas enquanto da minha gordura farão sabonetes, você só será aproveitado para sabão de limpeza” (STEINER, 1975, p.255).

Uma das formas mais comuns de contestação eram os atos de insubordinação tidos nas recusas em obedecer às ordens ou na execução retardada de tarefas.(TODOROV, 1995. Existiam diversas pequenas oficinas dentro dos campos onde, obviamente, quem trabalhava eram os prisioneiros, exercendo as mais variadas funções. Médicos, chaveiros, marceneiros, grupos de manutenção e conservação do campo.¹⁰ Essas atividades foram de extrema valia, quando da articulação das revoltas armadas, reafirmando também os sentidos de companheirismo e de solidariedade. Os “ambientes de trabalho” foram espaços

¹⁰ As duas últimas atividades consistiam em descarregar os recém-chegados dando conta de seus pertences e manutenção dos cadáveres.

riquíssimos em sociabilidade e resistência passiva. A delonga em executar dada tarefa ou a recusa em fazê-la expressavam o malicioso desprezo pela ordem ou pelo regulamento em evidentes manifestações de resistência pela indiferença. As conseqüências, obviamente, não eram tão sutis, sendo os insubordinados castigados com extrema violência. O que os encorajava era, entretanto, aquele breve momento do poder dizer 'não' e a cara de espanto estarrecido do oponente, no respeito por si mesmo, em não se deixar humilhar por outrem sem reagir.

As resistências ativas, bastante inspiradas nas virtudes heróicas, tinham um tom mais agressivo, de confronto direto e violento com o oponente, visto agora como inimigo (TODOROV, 1995). Essas investidas podem ser descritas, mas foram bem mais incomuns que as apresentadas acima. Poderiam ser iniciativas individuais, como no caso de assassinatos de autoridades do campo, ou coletivas, como nas revoltas armadas organizadas. O problema que sempre permeou os planos de revoltas armadas fora, invariavelmente, a dificuldade de organização coletiva. Convencer os companheiros partidários das virtudes cotidianas a mudar de lado, arriscando suas vidas pelo ideal da liberdade, que não exatamente poderia ser sua, era uma tarefa um tanto árdua. Não é todo mundo que simplesmente deixa de viver com honra para morrer por ela. Assim, as revoltas coletivas armadas foram poucas, mas de grande impacto.

Temos notícia de uma, em *Auschwitz*, já próximo ao final da guerra, onde prisioneiros judeus e não judeus se mobilizam e efetivamente concretizam seu plano de explodir um dos crematórios do complexo Auschwitz-Birkenau.¹¹

Durante meses, Éster Wajcblum, Ella Gärtner e Regina Safirsztain colaboraram, roubando pequenas porções de pólvora da fábrica de munição *Weichsel-Union-Metallwerke* instalada no complexo *Auschwitz* e entregando aos articuladores do movimento de resistência. O núcleo da resistência ativa estava localizado no complexo de *Birkenau* e seus líderes faziam parte do *Sonderkommando*, grupo de prisioneiros obrigados a trabalhar na parte crematória do campo. Munidos da pólvora, trazida de *Auschwitz*, planejavam explodir as câmaras de gás e os fornos crematórios dando início à revolta.

¹¹As informações ainda que escassas foram extraídas de: MARRUS, Michael. **A assustadora história do holocausto**. RJ: Ediouro, 2003. e do filme *Triumph of the Spirit* dirigido por Robert Young.

Em sete de outubro de 1944, os membros do *Sonderkommando* começam o incêndio do crematório 4, atacando os SS com machados, martelos e pedras. Ao verem as chamas lambendo os céus, os prisioneiros de crematório 2 entram também em ação, matando um *Kappo* e outros SS. Centenas de prisioneiros escaparam de *Birkenau*, sendo quase todos capturados, posteriormente, pelos alemães e guardas. No dia seguinte, outros 200 prisioneiros foram executados por tomarem parte na revolta. Nas investigações decorrentes, foi descoberta a participação das três mulheres acima mencionadas, que foram enforcadas.

O que impressiona, neste caso particular, é exatamente o nível de organização e de cooperativismo entre os prisioneiros de um campo tão grande como o complexo *Auschwitz-Birkenau*. As inúmeras divisões e setores do campo, certamente foram um obstáculo considerável para a articulação do movimento. Talvez, por isso mesmo, a revolta tenha sido localizada, não se estendendo a todo o campo nem possibilitando a fuga em massa de prisioneiros como as similares tentativas em *Treblinka* e *Sobibor*. O filme *'Triumph of the spirit'* narra, ainda que de modo ficcional, esta revolta.

O caso de *Sobibor*, igualmente transposto para o cinema em *'Escape from Sobibor'*, é igualmente complexo, ao se tratar novamente de um campo misto.¹² Os dirigentes da revolta foram o tenente Alexandr 'Sacha' Petcherski e o judeu Leon Feldhendler. Sacha chega em um dos comboios 600 a 700 prisioneiros soviéticos e é recepcionado por Leon, encarregado da manutenção dos novatos.

Inconformado com a situação dos prisioneiros, Sacha decide planejar uma revolta. Ao entrar em contato com o campo dos judeus, descobre que já existe, entre eles, também, um grupo de resistentes, planejando uma fuga. O líder do tal grupo era Leon, um dos primeiros a entender a real face de *Sobibor* enquanto campo de extermínio e que, na chegada dos comboios, aconselhava os recém-chegados a se voluntariar para o trabalho. Ele e seus companheiros, após diversas reuniões, haviam chegado a conclusão similar, optando por uma fuga coletiva, abrangendo todo o campo.

Unidos pelos mesmos objetivos, Sacha e o comitê judaico planejaram cuidadosamente uma estratégia para a revolta. As reuniões do comitê judaico eram feitas nas oficinas ou na própria barraca-dormitório e com extrema cautela, uma vez que os

¹² Informações extraídas de: MARRUS, Michael. **A assustadora história do holocausto**. RJ: Ediouro, 2003. e do filme *Escape from Sobibor* dirigido por Jack Gold.

Kappos, neste caso todos judeus, ficavam lá também instalados. Com a chegada de Sacha, passaram a trocar idéias no próprio pátio do campo durante a noite. O grupo de colaboradores foi aumentando, vertiginosamente, conforme a descoberta do verdadeiro caráter dos ‘banhos’ e das chaminés que queimavam ao longe. Revolta, desespero e desejo de vingança fizeram aumentar, tanto os colaboradores do movimento, quanto, as fugas isoladas. Para estas últimas, a retaliação era implacável. Execuções abertas e sumárias eram feitas como modo de inibir futuras tentativas de fuga.

A revolta não poderia mais esperar. As primeiras medidas foram mapear *Sobibor*, mapear o campo minado ao redor e conseguir informação precisa dos passos do SS e dos guardas ucranianos. Os colaboradores trabalhariam na confecção de armas brancas, nas oficinas, no corte dos circuitos elétricos do campo e no contato com alguns *Kappos* de confiança. O comitê e Sacha se encarregariam de matar os 16 SS de maneira isolada e discreta, de modo a não levantar suspeitas. A fuga em massa se daria, a seguir, pelo portão principal.

Extremamente discretos, articulam então a revolta que se daria na tarde de 14 de outubro, mais especificamente às quatro horas. Pouco antes, as armas confeccionadas e algumas pistolas foram distribuídas entre os prisioneiros. Os soviéticos e os membros do comitê começaram a matança dos SS, atraídos para as oficinas, apoderando-se de suas armas. Petcherski tentara ainda um ataque ao arsenal do campo, sem maiores sucessos. A energia foi cortada como o previsto, mas um dos corpos dos comandantes assassinados foi descoberto, deflagrando imediata reação alemã.

Os planos foram ligeiramente adiantados, tendo início a evasão em massa dos detentos. Estes abriam passagem entre os arames, desesperados em meio aos tiros desordenados e às explosões repentinas do campo minado. Os resistentes ainda reagiram, tentando atingir os guardas ucranianos nas torres e os SS restantes. Mesmo com inúmeras mortes, cerca de 400 prisioneiros, entre eles Petcherski, conseguiram escapar com vida de *Sobibor*, imediatamente desativado após a revolta.

Treblinka: um estudo de caso¹³

¹³Análise feita a partir das informações contidas em: MARRUS, Michael. **A assustadora história do holocausto**. RJ: Ediouro, 2003 e principalmente a partir da compilação de depoimentos contida em: STEINER, Jean –François. **Treblinka**. Nova Fronteira, 1975.

O Campo de *Treblinka*, instalado em agosto de 1942, era um campo de extermínio e trabalho misto, congregando judeus e poloneses. Fora projetado, inicialmente, para o extermínio dos 400 mil judeus concentrados em Varsóvia mas, ao longo do tempo, recebeu prisioneiros de outros guetos como *Lodz* e *Vilna*. As deportações foram iniciadas em 22 de julho, tendo os detentos trabalhado na própria construção do campo. Este era provido de três câmaras de gás, destinadas tanto à eliminação em massa de prisioneiros quanto a amenizar os traumas psicológicos dos carrascos.¹⁴

Formalmente instalado, o campo funcionava segundo uma rígida divisão social profundamente hierarquizada. Primeiramente, vinham os “técnicos”, designação dada aos alemães pelos prisioneiros. Nesta categoria, encontramos comandantes e subcomandantes da SS. Logo abaixo, temos os guardas ucranianos ou *Kapps*, encarregados da segurança e da vigilância do campo e dos prisioneiros. Por último, vinham os escravos judeus. Estes, por sua vez, eram igualmente divididos por funções, no campo. Havia, basicamente, quatro grupos: os destinados ao gás, os encarregados da manutenção dos vivos e seus pertences, os encarregados da conservação do campo e os incumbidos da manutenção dos corpos.

Os primeiros não chegavam nem mesmo a participar da vida no campo. Eram destinados ao “banho”, logo que chegados dos comboios. Os prisioneiros normalmente eram descarregados, separados em filas que determinavam, desde aquele momento, o seu destino: interno de *Treblinka* ou interno do gás. Esta divisão era feita por grupos de manutenção ou *Platzjuden*, mais especificamente o chamado comando azul, encarregado da recepção dos comboios. Geralmente, mulheres e idosos enchiam as filas do gás, tidos como menos resistentes ao trabalho. Os que integravam outras filas eram enviados a outro grupo de manutenção, os comandos vermelhos, confiados da aquisição dos pertences em geral. Grupos especiais, designados *Goldjuden* ou “judeus do ouro” tratavam da recuperação dos objetos de valor, sendo responsáveis pela reunião e entrega de objetos de ouro, jóias, dinheiro em espécie, ações e etc. Os grupos de manutenção, tidos como prisioneiros regulares, ficavam instalados no campo n.º 1 ou “lá de cima”.

¹⁴ Vale lembrar que antes da aprovação e uso das câmaras a eliminação era feita por ‘caminhões de gás’. Após o sufocamento, os corpos eram recolhidos pelos próprios alemães, o que causava grande impacto psicológico.

Os encarregados da conservação e prestação de serviços particulares aos alemães do campo eram os *Hoffjuden*, grupo de judeus mais “privilegiado” na escala social dos prisioneiros. Eram normalmente os médicos, dentistas e trabalhadores das oficinas do campo, como: cabeleireiros, chaveiros etc. Formavam quase que uma classe aristocrática, sendo mesmo conhecidos como “judeus de corte”, por trabalharem em contato direto ou bastante próximo aos alemães. Seu alojamento era igualmente diferenciado, apresentando melhores condições internas e externas. Localizava-se “lá em baixo”, no campo nº. 2, com áreas arborizadas. Seus internos tinham ração mais encorpada e o trabalho não era tão degradante. Muitos *Hoffjuden* agiam mesmo com certo tom de superioridade, sendo vistos pelos demais prisioneiros como arrogantes e alheios à realidade.

Certamente, o grupo menos “privilegiado”, na referida escala, era o da manutenção dos cadáveres. Os “judeus da morte” foram isolados em uma espécie de fortaleza, no canto nordeste do próprio campo, designada como “lá longe”. O medo de reações inesperadas, devido à qualidade bizarra do trabalho, obrigou os “técnicos” a rodear, com um muro de areia de dois metros, o local de trabalho e permanência desse grupo. Eram eles os responsáveis pela retirada dos cadáveres das câmaras de gás e transporte dos mesmos para a grande fossa. Posteriormente, quando da instalação dos fornos crematórios, somou-se a sua função a retirada das cinzas e dos pedaços de corpos não cremados, assim como a limpeza das chaminés.

Como podemos perceber, a divisão social do campo de *Treblinka* era extremamente complexa e estratificada. Seus habitantes estavam inseridos numa estrutura social hierarquizada e submetidos a uma divisão funcional do trabalho bastante específica e concretamente visível pela divisão geográfico-espacial dos alojamentos.

O efetivo funcionamento de todo esse sistema à chegada dos primeiros comboios logo nos possibilitará a observação dos fenômenos apresentados no ponto anterior. Seguidos os primeiros meses, iniciavam-se os suicídios, uma onda de enforcamentos. A prática do suicídio era não somente afirmação de liberdade no sentido de tomar para si o direito sobre a própria vida, mas foi, também, a primeira tentativa, mesmo que inconscientemente, de reatamento dos laços de cumplicidade. A execução do enforcamento exigia a participação de, pelo menos, mais um que se solidarizasse na hora da morte.

Entretanto, ondas de suicídio não eram favoráveis à organização de revolta de tipo algum. Assim pensavam os primeiros integrantes do comitê de resistência de *Treblinka*. O comitê, inicialmente composto por apenas três membros, Galewski, Berliner e Choken, optou por uma nova estratégia de resistência: a fuga. A primeira, de muitas que viriam, seria empreendida por Choken, que a realiza com sucesso, ao esconder-se num vagão de roupas com a ajuda de Galewski e Adolphe Friedman, futuro integrante do comitê. O objetivo da fuga era a volta estratégica aos guetos para prevenir os judeus do que era *Treblinka*. Sua atitude se espalhou, tornando-se extremamente popular entre os prisioneiros, aperfeiçoando a técnica.

O trem, embora primeira opção, era deveras arriscado e exigia cumplicidade de grande número de companheiros. Tentavam, então, a fuga pelo “Hospital”. Ao lado do ‘hospital’ havia uma fossa gigantesca, na qual eram incinerados os cadáveres dos prisioneiros executados. Os interessados na fuga aproveitavam momentos de distração dos guardas para jogarem-se na grande fossa, escondendo-se entre os corpos, e ali esperar até o anoitecer para tentar passar através das cercas. Esta nova opção, porém, só se tornou possível após o reordenamento do campo implementado por Kurt Franz. Como novo comandante, “Lalka” (apelido de Franz) impôs uma série de novas medidas de trabalho e reestruturação espacial do campo, visando aumentar a produtividade. Assim, com a diminuição do ritmo da dizimação, em prol de um viés mais economicista, não se fazia necessário o derramamento de enxofre, diariamente, na fossa, abrindo mais uma brecha para as fugas.

Outro método bastante popular era o uso dos montes de roupa. Prisioneiros escondiam-se, cuidadosamente, dentro de grandes empilhados de roupa, em formato de paralelepípedo. E, apesar da minuciosa habilidade e cumplicidade exigidas, uma vez inserido no fardo, as chances de sucesso eram grandes.

As fugas eram uma grande preocupação de Lalka. Contra elas, criou várias estratégias, encontrando sempre uma contrapartida dos internos. Primeiramente, decidiu-se por chamadas periódicas ao longo do dia. Os judeus os driblavam na soma, fazendo da chamada um exercício de ilusionismo. A seguir, introduziu-se o uso de blusão com número identificador. Os que fugiam deixavam o blusão para futuros internos chegados nos comboios. Tentou-se também organizar os prisioneiros em grupos de três. Esses passaram a

fugir, agora, em três. O que podemos concluir é que, seja qual tenha sido o método empregado para a contenção das evasões, sempre houve ou foi criada uma brecha.

O interessante é que, em dado momento, as evasões realmente diminuiriam significativamente. E isto se deu exatamente no período das primeiras articulações de um movimento de revolta armada coletiva. Foi um período de trabalho intenso, por parte do comitê, no convencimento de seus companheiros a arriscarem suas vidas, já em estado tão precário, e a integrarem o comitê que, a partir de então, não encorajava mais as fugas, buscando congregar o maior número possível de membros. Alguns foram mais facilmente persuadidos, por exemplo, os “escritores”. Tal grupo, particularmente tocado pela “vontade imperiosa de contar o que vira, de explicar o que compreendera”, teve papel importante na contenção dos suicídios e prontamente se dispôs a resistir (STEINER, 1975, p.189).

As primeiras articulações se deram entre os internos do campo nº. 1, dado o isolamento social dos *Hofjuden* e o isolamento físico dos “judeus da morte”. Adolphe recrutaria os homens para o combate. Seriam formados cinco grupos com os objetivos de: dominar os guardas (*Kappos*) ucranianos, possibilitando a fuga dos que não podiam lutar para as florestas e, por fim, destruir o campo. Os combatentes não saberiam seus nomes reais, apenas o do chefe do grupo que carregaria consigo uma ampola de veneno fornecida pelo *Kappo* Kurland.¹⁵ Os armamentos poderiam ser os mais variados, passando por armas brancas, e utensílios de trabalho confeccionadas pelos ferreiros. As armas de fogo e os explosivos seriam comprados via contrabando, intermediado pelos guardas ucranianos e pagos pelos *Goldjuden* em suas aquisições frequentes.

É importante ressaltar que as atividades de contrabando e as relações entre *Kappos* e prisioneiros eram, além de habituais, bastante lucrativas para ambos os lados. Dinheiro e objetos de valor, resgatados pelos *Goldjuden*, eram enterrados no chão dos barracões, servindo de divisa na hora de adquirir uma série de produtos, desde remédios a alimentos. Abaixo, segue uma lista dos produtos mais comumente procurados:

Laranja: 10 a 100 \$¹⁶
Arrenque: 20 a 80\$
Álcool: 50\$
Pão: 20\$

¹⁵ Nem todos guardas eram anti-semitas e muitos por não concordarem com as ações empreendidas pelos alemães, ajudavam os prisioneiros.

¹⁶ Unidade monetária desconhecida.

Batata: 30\$ (STEINER, 1975, p. 232-233)

As relações comerciais eram tão impressionantes que os preços variavam de acordo com a especulação feita pelos ucranianos no mercado. Para driblar a inflação, os detentos precisavam “quebrar” o monopólio dos ucranianos, organizando um comando de camuflagem que escapava quase diariamente do campo para negociar com camponeses poloneses. Assim, os preços se estabilizavam, possibilitando o aparecimento de promoções momentâneas em forma de *kits* ou cestas básicas, contendo uma laranja, um pão, um chocolate e meio litro de vodca por apenas 100\$ (os produtos separados custariam 140 \$).

Articulados, comprometidos e conscientes do perigo que corriam, os combatentes e cúmplices do campo nº. 1 passavam despercebidos pelos “técnicos”, que simplesmente os consideravam como larvas, incapazes do menor ato de coragem. Tudo minuciosamente programado, as funções de cada um cronometradas, as adversidades pensadas, mas nem tudo poderia ser previsto. A data da revolta foi marcada para março de 1943, especificamente uma segunda-feira, dia da desinfecção do campo. Nesse dia, desinfetante era pulverizado em todas as barracas. Nessa segunda-feira, especificamente, petróleo seria pulverizado e as barracas queimadas. Os SS habituais seriam atraídos e mantidos nas oficinas dos alfaiates e barbeiros, sendo por eles assassinados e suas armas tomadas. O comando de incendiários tomaria sua posição ao lado das barracas. Os vitrioladores estariam incumbidos da destruição dos mirantes e, para tal, precisavam ocupar-se especialmente dos alemães ou ucranianos destas áreas. Por fim, as armas de fogo e os explosivos seriam distribuídos.

Às 11 horas, Heniek parava a carroça perto da janela do depósito de armas. Marcus passava os caixotes com as granadas pela janela para Heniek. Ao abrirem para verificar o carregamento, descobrem que as granadas tinham vindo sem os detonadores. A revolta tinha de ser abortada.

Passariam mais alguns meses até que uma nova revolta fosse articulada. E esta viria, então, mais encorpada e apreensiva. Deveria também incluir os internos do campo nº. 2, que já sabiam do movimento, mas não participavam. Adolphe e Djielo planejaram adentrar o campo dos *Hofjuden*, buscando convencê-los a integrar o movimento. Chegando lá, perceberam a existência de atividades parecidas com as desenvolvidas no campo nº. 1. Fugas, especulação, contrabando e pequenas festividades tinham, por ali, também, o seu

lugar. Os *Hofjuden* aderiram a causa sem maiores objeções. Não podiam mais negar a situação de extermínio, uma vez instalados os fornos crematórios e abertura das fossas.

A revolta definitiva precisava ser desencadeada com urgência e um ultimato foi dado ao campo nº. 2 para 20 de julho de 1943. Em 2 de agosto de 1943, os campos nº. 1 e nº. 2 se uniram, numa revolta final e reveladora. O ‘dia D’ começara como na primeira tentativa. Às nove horas da manhã, Heniek foi com sua carroça até o depósito de armas e, com a ajuda de Marcus, recuperou três caixotes de granadas e de fuzis avulsos. As armas foram distribuídas em dois pontos principais, o porão de batatas e a garagem.

No campo nº. 2, o trabalho seria delongado ao máximo, segundo a ordem de Djielo. Adolphe rondou o campo, retomando as instruções com seus novos comandados. Wiernik preparava-se para fazer o contato com o campo nº. 1 para obter a confirmação da revolta. O sinal seria dado pela explosão de uma granada às 16 horas. Foram momentos de extrema tensão e a espera deixava os prisioneiros de ambos os campos impacientes e ansiosos.

Às 15 horas, os prisioneiros do campo nº. 1 começaram a atrair os sentinelas ucranianos, oferecendo jóias e ouro. Pouco a pouco, os últimos vão descendo de seus postos.

Na oficina dos alfaiates, esperavam ansiosos Kurland, Galewski e Saltzberg quando um fato inesperado os interrompe, em suas pesadas concentrações. Dois prisioneiros haviam sido descobertos na barraca-dormitório por Kiwe¹⁷, portando moedas de ouro. Kiwe os levou para o “hospital”, pronto para fazer a inquirição e tortura habituais. Dando-se conta da gravidade da situação e que os dois “ladrões” poderiam pôr tudo a perder, Galewski indicou um atirador para liquidar Kiwe. O escolhido foi Wolomanschik, que se posicionou rapidamente, atingindo seu alvo com precisão.

Imediatamente após, estourava a granada, iniciando oficialmente a revolta. Eram 15 horas e 50 minutos. A revolta foi desencadeada, antecipadamente, desorganizando o dispositivo de ataque. Explodiam granadas e o tiroteio desordenado ficava levemente encoberto pela fumaça dos incêndios furiosos.

No campo nº. 2, os prisioneiros investiam contra os ucranianos, que desciam espantados do mirante. Djielo atirava incessantemente contra a barraca dos ucranianos.

¹⁷ Codinome de um dos comandantes mais cruéis do campo também conhecido como anjo da morte.

Munido de um fuzil, Wiener destruíra, ainda, o motor que alimentava as câmaras de gás, explodindo a casa das máquinas com uma vasilha de gasolina.

De volta ao campo nº. 1, a corrida dos grupos para destruir o carro-metralhadora não demoraria mais de dez minutos, de modo que, perto das 16 horas, o grupo de Rudek chegava à casa da guarda. Ele mesmo, em meio ao tiroteio, alcançava o carro-metralhadora e conseguia entrar com a cobertura dos companheiros, pondo pelos ares a casa da guarda e alguns dos alemães nela instalados.

Os tonéis de petróleo, localizados na garagem, foram despejados junto às barracas alemães, prontamente incendiadas com a explosão de uma granada. Os mirantes tiveram destino parecido inflamando-se, um a um, como tochas.

A retaliação foi pesada. Ainda que desprevenidos, alemães e ucranianos puseram-se a revidar com ardor.

A fuga em massa começava, passado o período inicial de explosões e tiroteio desordenado. Os prisioneiros lançavam-se sobre o emaranhado de arame, num acesso de pânico coletivo, tornando-os impossível de deter. Djielo dera, finalmente, a ordem de retirada, fazendo a última retaguarda. Os últimos prisioneiros atingiram o bosque, sendo abatidos por rajadas dos alemães e ucranianos.

Ao final, tristes e felizes resultados. *Treblinka* ardia em chamas. Todos os membros do comitê morreram na revolta. Seiscentos prisioneiros, dos mil totais, conseguiram atingir as florestas vizinhas sem serem recapturados. Muitos deles retomaram a luta contra os nazistas, integrando grupos independentes ou de ideologia esquerdista ou da própria resistência polonesa. Um ano depois, à chegada do exército vermelho, não eram mais tão numerosos, restavam apenas quarenta, perecendo os demais pelas mãos de poloneses, ucranianos, grupos da *Wehrmacht*, da Gestapo ou do exército.

CONCLUSÃO

Três revoltas, muitos homens, alguns êxitos e pouca repercussão. Muito se fala e estuda sobre as atrocidades cometidas na segunda guerra, o Holocausto e a figura de Hitler. Temos notícias, relatos e pesquisas sobre os crematórios, as torturas e experiências atrozés feitas com os prisioneiros. Ainda assim, poucos se dedicaram a realmente entender o

mundo do campo, seu funcionamento diário e as relações sociais lá desenvolvidas. Estas últimas são a alma do campo. A partir delas, observamos toda uma dinâmica social, vivenciada por prisioneiros, guardas e SS. Os campos, especificamente os de extermínio, foram, não só habitados, mas construídos pelos prisioneiros. Construídas, também, foram as relações entre estes e os demais habitantes do campo. Relações extremamente complexas, de cunho político, afetivo e econômico fizeram parte do cotidiano do campo, fruto direto das práticas de trabalho, tortura, vivência coletiva e atividades as mais diversas.

Os exemplos e as análises apresentados no capítulo anterior vêm a confirmar esta realidade: o campo como lugar de vida, não apenas de morte. Vivo, exatamente pelas relações desenvolvidas entre os agentes sociais ali presentes. A proposta de análise de um “território-campo” com base no pressuposto de um espaço construído pelas relações de sociabilidade, ratifica a hipótese de espaço vivido. A criação, o nascimento de um mundo ou de uma realidade, está intimamente ligada à participação ativa do homem que vive a sua própria construção. Assim, podemos perceber uma relação dialética entre construção e vivência. Espaço trabalhado é espaço vivido. Trabalhado, não só durante a sua construção física, prisioneiros, mas continuado pela prática das atividades do campo e pelas relações estabelecidas entre os agentes históricos, no decorrer de sua existência.

As revoltas armadas de *Auschwitz*, *Sobibor* e *Treblinka* surgem como decorrência agregadora de uma série de relações vivenciadas pelos prisioneiros. Uma revolta de grande porte requer organização de grupos que, para tal, se amparam em diversos outros laços e negociações precedentes. Estas, por mais desiguais que fossem as forças, eram vitais para a sobrevivência de prisioneiros e *Kappos*. Laços de afetividade, cooperação e negociações comerciais não de ter sido intensos para que se chegasse ao dito resultado.

Assim, ao final desta breve pesquisa, já podemos perceber os campos de concentração e extermínio com outros olhos, olhos mais atentos, mais perspicazes. Esta experiência nos abriu novos horizontes de análise do campo como espaço social, dos agentes históricos envolvidos e das realidades lá enfrentadas. Possibilitou-nos, também, análises menos estereotipadas dos agentes perpetradores, das vítimas e, de certa forma, da própria morte.

Superamos as barreiras e, finalmente, chegamos a um feliz resultado. Por mais incoerente que possa parecer, ao estudar campos de extermínio, fábricas de morte e dor, encontramos o que muitos não percebem: a vida. A vida presente na luta cotidiana dos prisioneiros em se manterem homens, em buscarem preservar, no mais insólito dos lugares, a qualidade humana. Tão simples como um olhar de amigo, tão corajosa como um suicídio ou uma fuga, tão perigosa como um contrabando, tão coletiva como uma revolta. Nem todos os prisioneiros tiveram consciência desta realidade; muitos se entregaram ao desespero e à incompreensão. Em meio à agonia, não conseguiram enxergar o novo mundo que se descortinava por trás dos muros e, assim, incompreensíveis se tornaram também os novos códigos e significados próprios daquela situação. O torpor diante daquilo que, por mais força que fizessem, não conseguiam compreender, acabou por levá-los a perder o pressuposto humano de ser social. Esses sim, e unicamente eles, podem ser interpretados como os ditos cordeiros levados ao abatedouro. Os tantos outros que enxergaram e compreenderam este novo mundo, partilhando de sua cultura específica, resistiram passiva ou ativamente, fazendo vencer, por fim, o homem completo, ser biológico e social, matéria e vivência. Na estação, uma flor.¹⁸

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ELIAS, Norbert. **Os Alemães**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FALCON, Francisco José Calazans (org). **Fascismo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- FINKELSTEIN, Norman. **A indústria do holocausto**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GEEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures**. New York: Basic Books, 1973.
- GOLDHAGEN, Daniel. **Os carrascos voluntários de Hitler**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

¹⁸ Analogia ao livro de Robert Slenes, **Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava_Rj**: Nova Fronteira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HOBBSBAWN, Eric. **História do marxismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KERSHAW, Ian. **Hitler**: um perfil do poder. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

MARRUS, Michael. **A assustadora história do holocausto**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

POULANTZAS, Nicos. **Fascismo e ditadura**. Vol: I. Porto: Portucalense Editora, 1972.

_____. **O Estado, o poder, o socialismo**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RICHARD, Lionel. **Berlim, 1919-1933**: a encarnação extrema da modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

RUBY, Marcel. **O livro da deportação**. Notícias: Lisboa, 1998.

STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

STEINER, Jean –François. **Treblinka**. Nova Fronteira, 1975.

TODOROV, Tzevetan. **Em face do extremo**. São Paulo: Papyrus, 1995.

FILMOGRAFIA

GOLD, Jack. **Escape from sobibor**. 1987.

YOUNG, Robert. **Triumph of the spirit**, 1989.

“SITES”:

United States Holocaust Museum: <http://www.ushom.com.htm>